



LEONOR DE MENDONÇA

A. Gonçalves Dias

Drama original em três atos e cinco quadros



HISTÓRIA GENEALÓGICA DA
CASA REAL PORTUGUESA

- VIDA DO DUQUE

D. JAIME

- TOM 5º CAP 8º

PÁGINA 576

PRÓLOGO



Contentar a todos ninguém o conseguiu, muitos se contentaram com aprazer a muitos. O autor tomará por grande honra ' satisfazer a poucos.

Prol. da Com. de Bristo.

Idéias e fatos há que diariamente nos passam por diante dos olhos sem que nunca atentemos neles; nós os reputamos coisa corrente e sabida por todos, que por vulgar não nos pode parecer sublime. Mas sobre essa idéia ou fato, que em a ' nossa memória entesouramos como substância de flores em favo de abelhas, a reflexão trabalha sem descanso, desbasta-o, e se exercita sobre ele, que depois estranhamos de o ver brilhante, belo e muito outro do que a princípio se nos antolhara.

Parece-nos de então que o devemos pesar e meditar com a nossa inteligência, e ver depois as cores que nele mais sobressaem, e as roupagens que melhor se ajeitam às suas formas. A imaginação se incumbe deste trabalho, e desde esse instante está criada a obra artística ou literária: - edifício ou sinfonia; estátua ou pintura; romance, ode, drama ou poema; boa ou má; perfeita ou imperfeita -, o fato é que ela existe. Seja embora feia e falta de proporções, será como uma criatura imperfeita, como um aborto monstruoso, como uma anomalia; mas existirá sempre.

Há, porém, entre a obra delincada e a obra já feita, ' um vasto abismo que os críticos não podem ver, e que os mesmos autores dificilmente podem sondar: há entre elas a distância que vai do ar a um sólido, do espírito à matéria. A imaginação tem cores que se não desenham; a alma tem sentimentos ' que se não exprimem; o coração tem dores superiores a toda a expressão. É por isto que aos homens de imaginação, que não são autores, pode facilmente parecer que eles comporiam melhor tal obra do que tal mestre, que desenvolveriam tal assunto ou que pintariam tal paixão melhor do que os outros, alóas grandes, o têm feito. E é a razão porque eles comparam o fogo do seu coração, a viveza da sua imaginação, a profundeza do seu sentimento (essências d'alma) com as expressões de um autor, com palavras que, por escolhidas e delicadas que sejam, têm sempre um - quê - de material.

P E R S O N A G E N S



D. JAIME, Duque de Bragança.

LEONOR DE MENDONÇA, Duquesa de Bragança.

ALFONSO PIRES ALCOFORADO, o velho.

ANTONIO,

MANOEL, seus filhos.

LAURA,

FERNÃO VELHO, veador do Duque.

PAULA, camarista da Duquesa.

LOPO GARCIA, capelão do Duque.

UM SERVO.

UM PRETO.

HOMENS DE ARMAS, PAJENS E CRIADOS.

A ação passa-se em Vila Viçosa, a 2 de novembro de 1512.

Paula - Sim, tocar-vos agota para terdes ao meio-dia um tocado desfeito e sem graça.



A Duquesa - Compô-lo-às de novo. Custa muito? (Paula começa a tocá-la). Já hoje viste o Senhor duque?

Paula - Ah . O senhor duque . Está outro como vós . Esta manhã, ainda o sol não era nascido, senti um tropel à porta do palácio; cheguei-me à janela, e vi dois cavalos arreados e prontos; pouco depois saiu o senhor duque, cavalgou de um salto o primeiro que encontrou, e quando Fernão Velho, o veador, acabava de cavalgar, já se tinha sumido lá, bem longe, como quem vai caminho da tapada.

A Duquesa - Pobre homem .

Paula - Pobre . Bem terrível que é ôle .

A Duquesa - Terrível por quê? Não sabes tu que o duque tem alma grande e coração generoso?

Paula - Generoso e grande quiserdes; o que todavia não obsta a quem eu em sentindo os seus passos me não deseje a cinquenta braças pela terra dentro, ou a cinquenta léguas distante dele.

A Duquesa - Deveras antes compadecer-te do muito que ele há sofrido . Crês tu que a sua tristeza sombria e enexpugnável cifre-se toda nas rugas que lhe vês sulcar o rosto? Não ... mais funda é sua raiz, tua a encontrarás no seu pensamento e nas recordações dolorosíssimas que o esmagam.

Paula - Vão lá ter compaixão de um homem que amedronta a gente Apesar de me repetir a mim mesma quanto me dizeis, Sra. Duquesa, não posso acabar comigo de ... antipatizar com ele.

A Duquesa (Severa) - Falas de meu marido ?

Paula - Jesus . Eu bem sei que ele é vosso marido; porém devo eu por isso faltar a verdade? ... Meu Deus, parece que nunca sentistes calar-vos pelos ossos uma sensação de frio quando ele firma sobre um rosto qualquer aqueles olhos negros e sombrios que parecem querer virar a gente de dentro para fora.

A Duquesa - Cala-te (Mais baixo:) Eu mesma, Paula, eu mesma,

Paula - Olhai, senhora; se sou a primeira em dizer-vos que se
is bela e que tendes bom coração, muitos outros que pensam c
mo eu calam-se prudentemente para que não tomeis a verdade
por ofensa, nem por lisonja o louvor merecido.



A Duquesa - Boa Paula . Julgas que todos me vêem com os teus
olhos, e que em mim pensam com a tua alma?

Paula - Não, senhora; com melhores olhos que os meus, com al-
ma mais ardente que a minha ... Um sobre todos ...

A Duquesa - Quem ?

Paula - Aquele belo mancebo que todas a manhãs passa por de-
frente do vosso balcão em um formoso ginete muzelo, que ele
parece sofrer não com esforço, mas só por força da sua genti-
leza.

A Duquesa - De quem falas tu?

Paula - (Continuando) - Ainda não cinge espada de cavaleiro,
mas ...

A Duquesa - Ah .

Paula - Mas quando ele a houver cingido... vereis ... vereis
que nome terá o Sr. Alcoforado . Há de ser alguma coisa as -
sim como Hermigues, o Traga-Mouros, ou Leonardo, O Cavaleiro
Namorado.

A Duquesa - És mais hábil do que eu, que ainda lhe não pude
descobrir partes de cavaleiro.

Paula - Oh . É porque ainda lhas não quisestes descobrir, ou
porque talvez ainda não atentastes bem nele.

A Duquesa - Muito te interessas por ele, minha boa Paula.

Paula - Muito: por que vos hei de mentir? Gosto muito dele...
Sabeis o que o outro dia me aconteceu?

A Duquesa - Que foi ?

Paula - O outro dia tinha eu na mão aquela vossa fits de cetim
rosa alconada, e ele, que me viu com ela, veio direto a mim,
e sem me dar tempo para dizer ai . cortou um pedaço e ... le-
vou-o .

CENA III

ALCOFORADO, a DUQUESA



Alcoforado - Senhora Duquesa .

A Duquesa (Levantando-se) - Paula . Paula .

Paula (Entrando) - Que me quereis, Sra. duquesa?

A Duquesa (Em vos baixa) - Não sabia tu que ele vinha ?
Por que me deixaste só?

Paula - Não o sabia, senhora.

A Duquesa - Não importa; ficarás comigo.

Paula - Quereis que ele presume que dele vos arreceais ?

A Duquesa - Ah . (Alto) - Qua fazias tu ?

Paula - Ia para junto dos vossos filhos.

A Duquesa - Está bem; podes ir. (Paula sai),

CENA IV

ALCOFARADO, a DUQUESA

Alcofarado - Sra. Duquesa ...

A Duquesa (Sem olhar para ele) - A que vindes, senhor?

Alcofarado - Saber se alguma coisa vos apraz mandar do meu serviço.

A Duquesa - Nada senhor; podeis retirar-vos (Alcofarado encara-a tristemente por alguns segundos, e vai para sair. A duquesa observando-o). Pobre mancebo . bastou uma só palavra minha para o tristecer àquele ponto (Sentando-se).

Sr. Alcoforado . (Voltando-se para ele). Como vai a vossa boa irmã, senhor?

Alcoforado - Vós sois boa, Sra. Duquesa. Sois severa de vez em quando, porém também tendes acentos que são como alívio para quem os escuta.

A Duquesa (Admirada) - Mas quando eu vos falo de vossa irmã, a que propósito vem a minha bondade?

idêia de que cedo ou tarde os haveis de romper, e por motivos talvez mais poderosos. (Alentando no barrete). Tendes um lindo barrete, Sr. Alcoforado.



Alcoforado - Um mimo de minha irmã, senhora.

A Duquesa - DEixai-mo ver ... É lindo. E esta fita também foi vossa irmã quem vo-la deu?

Alcoforado (À parte) - Céus (Alto) - Não, senhora.

A Duquesa - Agora me lembra . A minha camareira queixou-se-me há pouco de que impolidamente lhe havíeis cortado uma fita que ela trazia na mão. (Desprendendo a fita). E como essa fita era minha, não levareis a mal que eu dela me aposse de novo. (Dá-lhe o barrete e põe a fita sobre a mesa. Momento de silêncio).

- Vós partireis, Sr. Alcoforado.

Alcoforado - Poderia eu desobedecer-vos, senhora .

A Duquesa - Partireis. O Senhor rei D. Manuel abriu aos seus campeões as portas da Ásia e derribou as da África: lá ireis ganhar as vossas esporas, e dede já vos asseguro que eu me a legrarei a cada notícia que me chegar de algum feito brioso que houverdes praticado, porque então conhecerei que sois digno de toda a minha proteção.

Alcoforado - E as pequenas palmas que eu colher no campo da glória, poderei, senhora, depor aos pés da minha protetora?

A Duquesa - Quem vo-lo obstará? As nossas donas ainda se não esqueceram de sentir emoção ao aspecto de um rosto queimado pelo sol da África, de uma fronte coroadada de louros ou de um peito coberto de cicatrizes. D. Manuel é magnífico; quando vemos uma comenda ao peito de um lidador, bem sabemos que ela esconde uma ferida gloriosa.

Alcoforado - E para que eu não desfaleça na senda perigosa que ora vou trilhar sozinho e sem conselhos ...

A Duquesa - Quereis uma memória, não á assim?

Alcoforado - Não me atrevia a pedi-la.

A Duquesa - (Brincando com a fita) - Dar-vos-emos uma memória Sr. Alcoforado; uma memória que em nossa ausência vos aconselhe e vos diga que, assim como estimaremos o vosso triunfo, uma ação há que praticardes nos será motivo de grande nojo e

A Duquesa - Ao senhor Alcoforado, que se retirou neste momento.



O Duque - É um gentil mancebo o senhor Alcoforado. Nós prometemos ao seu velho pai fazer dele um brioso cavaleiro, e por São Tiago, não nos fala vontade de cumprirmos com a nossa promessa. Que pretendia ele ?

A Duquesa - Quase nada: que lhe permitísseis entrar noutra carreira, deixando o vosso serviço e que impetrásseis del-rei o vosso tio uma recomendação aos fronteiros de África para ...

O Duque - (Interrompendo-se) - Para que o tratem com mil atenções, deixando-o vegetar na barraca de campanha, como uma flor numa estufa, não é isso?

A Duquesa - Não, senhor; para que lhe assinem um posto perigoso, onde ele possa alcançar morte honrosa ou nome glorioso.

O Duque - Bem, muito bem. Apraz-nos sabê-lo desse acordo, que é de um ânimo generoso revelar tal ardimento em tão verde juventude. Nós lhe abriremos essa estrada, e talvez que um dia nós mesmo, fronteiro das terras dentre Douro e Minho, fuçamos da vossa muito amada companhia para irmos além-mar com os nossos vassallos, acometer os idólatras ao grito de: Dragãoça e Portugal. ... O Senhor rei D. Manuel, que nos não quis ver professar na religião de Malta, permitirá sem dúvida à nossa espada dilatar-lhe o império por terras de infiéis. (Momento de silêncio).

Não é para isto que vimos ter convosco. Sentai-vos. Dizei-me, duquesa, não vos apraz esta vida um pouco rústica que viemos aqui buscar neste desterro ?

A Duquesa - Não é do meu dever seguir-vos para onde vos aprover levar-me?

O Duque - Não vos falo do vosso dever; trata-se de vós, do vosso gosto; pergunto-vos se não amais esta vivenda.

A Duquesa - Duque, poderia eu estar melhor algures que na vossa companhia ?

O Duque - Sempre boa, afável e condescendente. Mas certo que deveis amar esta vida que aqui passamos em Vila Viçosa. Tendes a alma um pouco propensa à tristeza e à melancolia: é um contágio em todos os que me cercam e que vivem na minha vida. Para essas almas, Duquesa, a vida cortesã é pesada e odiosa... Eu mesmo ... há momento na minha vida em que eu daria de boa mente honrarias, brasões, títulos, nome e tudo para que aldeão simples e humilde me deixassem viver obscuro e feliz longe

O Duque - É ser cruel, Duquesa . Pois nem ao menos quereis
que tenha a presunção de haver retribuído com outra a vossa
cortesia ? Como quizerdes, é certo que não pesa de vos ficar
obrigado. Ele partirá. Vireis já, não é assim ?

A Duquesa - Creio que vos não farei esperar.

O Duque - Então sede breve. (O duque vai-se)

CENA IX

OS MESMOS, um PAJEM

A Duquesa (Só) - Ele irá também comosco; eu o advinho ...
Vê-lo-ei pela última vez.

ATO I

QUADRO II

A cena representa o mesmo aposento do quadro primeiro.

CENA I

A DUQUESA, PAULA

Paula - Como estais, Sra. Duquesa ?

A Duquesa - Boa. Não veio alguém saber de mim ?

Paula - Um pajem do senhor duque da parte de seu amo.

A Duquesa - Tu que lhe disseste ?

Paula - Que descansáveis; e ele tornou para dizer-me que o
senhor duque seria convosco logo que acabásseis de repousar.

A Duquesa - Está bem. (Momento de silêncio).

Paula - Sra. Duquesa, é certo o que se diz que vos ia aconte-
cendo ?

A Duquesa - O que ?

Paula - Um desastre ?

A Duquesa - É certo.



Paula - Mas podia ele ser de morte ?

A Duquesa - Que sei eu ? Talvez fosse: felizmente o meu bom anjo me não desamparou.

Paula - O vosso bom anjo ?

A Duquesa - Sim. Foi um momento horrível, Paula. O duque se havia embrenhado pela floresta com a sua comitiva, e alguns cavaleiros que me guardavam insensivelmente me foram abandonando, seguindo o vôo de um falcão que tinha soltado: de repente o meu palafreim arrancou comigo pulando troncos, pedras e valados.

Paula - E não caíste ?

A Duquesa - Quis ver de que se tinha ele espantado: voltei a cabeça e vi ... foi horrível . um javali vinha sobre mim.

Paula - Deus, Senhor ?

A Duquesa - Perdi o tino; ao invêns de lhe soltar as rédeas, puxei-as com força: ele tropeçou, caiu, e eu caí com ele.

Paula - Virgem santíssima... E como vos salvastes ?

A Duquesa - Houve-me por morta, porém não tive tempo para ter medo. Escrava da minha morte e sem tentar escapar-lhe, fechei os olhos, senti o zunido de uma coisa que cortava os ares e um braço que me enlaçava pela cintura quando eu ia cair por terra.

Paula - Foi o senhor duque Bom homem Que muito que lhe eu já quero pelo bem que vos há feito .

A Duquesa - Não foi ele. Abri os olhos para ver o protetor que o céu tão oportunamente me enviara. Era Alcoforado quem me tinha salvado a vida. Por esforço de coragem sobrenatural, que ainda não sei como achei em mim, quis-me interpor entre ele e o animal, que pouco havia não tinha ousado afrontar; porém ao tropel de alguns cavaleiros, olhei naquela direção, e vi o meu marido que de nós se aproximava: senti como uma nuvem diante dos olhos e caí desmaiada.

Paula - Nobre mancebo.

A Duquesa - Quando tornei a mim já ele tinha desaparecido: vi somente o javali com um venábulo que o atravessava de parte a parte. Foi preciso vê-lo para me convencer de que eu supunha um sonho tinha sido uma realidade.

CENA III



O DUQUE, a DUQUESA

O Duque (Rompendo o silêncio) - Quereis ir para a corte, Sra. Duquesa ?

A Duquesa - E vós também ides ?

O Duque - Comigo ou sem mim, isso que importa ?

A Duquesa - Duque, morarei de bom grado onde quer que morardes: o lugar pouco me importa.

O Duque - Mas não se dirá que sou um esposo colérico e despótico, que entorpeço a vossa vontade, que embargo as vossas ações, que ponho obstáculos aos vossos mais inocentes, mais íntimos desejos ? Por Deus, senhora, tende sequer pór um instante, sequer uma vez um desejo vosso, uma vontade vossa, livre e independente de outro desejo e de outra vontade. Não vos mostreis como vítima adornada para o sacrifício, e levada para ali mau grado seu; mostrai-vos senhora, que realmente o sois.

A Duquesa - Irei, Sr, Duque.

O Duque - Falai assim, que vos entenderemos. A Corte tem muitas festas, muita pompa, muitos divertimentos: precisais de - les, bem o sabemos.

CENA IV

OS MESMOS, PAULA.com um copo de água

O Duque (Continuando) - Com o vosso gênio careceis de distrações, e fazeis bem em vos distrairdes, ou dia virá em que, como eu, mau grado vosso, sereis vítima da vossa imaginação. (Tomando o copo maquinalmente). Sei que esta vida não deve quadrar com a vossa vida, e assim aprovo inteiramente a vossa resolução. (Levando o copo aos lábios arrojando ao chão). Esta água ... Está água.

A Duquesa (Levantando-se assustada) - Ah .

Paula - Água rosada, senhor: não é o que costumais beber ?

O Duque - (Tomando vivamente as mãos da duquesa) - Oh .
Perdão, perdão, duquesa . (A Paula) - Ide-vos. (Paula sai).

O Duque - Ouvi. Esta manhã, quando vos eu vi por terra, sozinha e sem defesa contra o javali que vos ia despedaçar, julguei que vos havia perdido, e por minha culpa; quando vio o senhor Alcoforado arrojare seu venábulo, da distância em que eu estava, e como visse cair, pareceu-me que o ferro vos tinha offendido, e que morríeis dele. Felizmente que nada vos aconteceu, graças à mão certeira do mancebo, que tomou a seu cargo' desmentir os meus pressentimentos. Bem sabeis quanto sou supercioso. A minha insônia desta noite, as duas mortes de que escapastes, fazem-me crer que uma fatalidade sobrevirá hoje à minha família. Não o duvideis. ... Será o terceiro golpe o mais terrível. A vítima não escapará. Quando levei aos lábios aquele copo de água rosada que a vossa camareira me oferecia, a morte de meu irmão me passou por diante dos olhos como um relâmpago, e eu me esqueci de mim, de vós, de tudo, para só me lembrar do que já sofri com o veneno que me deram. Atemorizei-vos, bem contra a minha vontade.

A Duquesa - Mas por que pensais em coisas tão tristes? Por que vos não distraís?

O Duque - Posso eu pensar noutra coisa que nisto não seja? Posso eu achar prazer senão em afundar-me nos meus pensamentos e torturar-me a mim mesmo? ... Partireis, duquesa; jovem, nobre e formosa, não é como um homem como eu que deveis passar a vida, Ireis para a companhia de minha mãe que também é vossa, por ela fostes educada ... (Entra Alcoforado). Quem ou sa interromper-nos?

CENA VI

OS MESMOS, ALCOFORADO

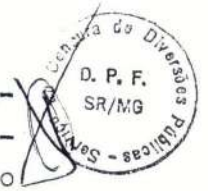
Alcoforado - Sr. Duque ...

O Duque (Severo) - O que nos quereis?

Alcoforado (Concentrado) - Serei acaso alguma mendigo?

O Duque (Mais severo) - O que nos quereis, senhor?

Alcoforado - Inferno. Ser assim tratado na presença dela.





Alcoforado - Foi um acaso, Senhora Duquesa, não falemos mais dele.

Paula - Mas deveras, senhor, que vos portastes com toda a gentileza.

Alcoforado - (Em voz baixa) - Paula, quero dever-te um grande favor.

A Duquesa - Foi um acaso, é verdade, mas um acaso que nos podia ser funesto se ali felizmente não deparássemos convosco.

Paula (A Alcoforado, em voz baixa) - O Que quereis de mim?

Alcoforado - Se não fosse eu seria outro; ao invés daquele incidente haveria outro qualquer, porque é bem de ver que não podíeis morrer assim. (Em voz baixa, a Paula). Deixa-nos a sós.

Paula - Oh . Sempre é certo que tendes o coração bem generoso e a mão certa e leal como vós sois. (Em voz baixa). Ela pediu-me que não a deixasse; tentarei.

A Duquesa - Mas ... pesa-vos acaso que em o nosso reconhecimento vos devamos alguma coisa ?

Alcoforado - Oh . Não, senhora, Se eu vos devesse a vida haveria por isso de estimá-la em menos? O evento desra manhã foi realmente um acaso bem indiferente para vós, bem venturoso para mim.

Paula - Permitis, Senhora Duquesa, que eu me retire por um instante?

Alcoforado (Em voz baixa) - Não veltes .

A Duquesa (Em voz baixa) - Louca . E o que te eu disse ?

Paula (Em voz baixa) - É só por um instante.

A Duquesa - Vai, mas não te esqueças. (Paula sai)

CENA VIII

A DUQUESA, ALCOFORADO

A Duquesa (Depois de um momento de silêncio) - Quando hoje tornei a mim do meu desmaio, procurei-vos entre as pessoas que me cercavam, não tanto para vos agradecer, como para convenver-me por meus próprios olhos que nenhum mal haviéis sofrido por meu respeito.



que me eleva nas asas da esperança, que me abate no abismo da desesperação, e que me repete sempre e sempre: "morrerás por mim ." Tentei resistir a esta idéia, a esta imagem, a este fantasma; não o pude, que mais podia a fascinação do que a minha vontade. Evoquei o amor de família, as afeições que há pouco sentia ardentemente por meu pai, nobre velho cuja mão descansava a minha cabeça como no bordão da sua velhice; por meu irmão, jovem esperançoso, que vai no caminho da vida me - dindo os seus passos sobre os meus passos; por minha irmã, donzela extremosa que se apegou ao meu destino como hera ao muro mal construído, que está prestes a desabar; e as minhas afeições foram mudas, e os meus olhos cegos e os meus ouvidos surdos ... Só essa imagem cintilava na minha vida como uma santa numa capela ardente, cercada de turíbulos e envolta em ondas de incenso. Deixai-me arrastar por ela. Cedi; perdi-me.

A Duquesa - Eu devia tê-lo adivinhado . (Resolutamente). Estais salvo, senhor; partireis para África.

Alcoforado (Amargamente) - Não é essa a vossa vontade?

A Duquesa - Partireis, senhor; não escuteis uma palavra, não volteis a cabeça para trás. Parti amanhã, esta noite, agora mesmo, parti . . . Embrenhai-vos pelos esquadrões dos inimigos sem temor da morte, que ela respeita os valentes; e quando vos tornardes do vosso delírio, a santa, que há de cintilar no meio das vossas esperanças, não será a imagem de uma mulher; será a glória, e estareis salvo.

Alcoforado - Partirei, Sra. Duquesa; mas juro-vos que me não hei de esquecer. Terei eu tempo para isso ? A minha vida pende de um fio, não sei qual: sei que há de romper-se, e que não tardará muito .

A Duquesa - Longe de máus agouros, Sr. Alcoforado; partireis cheio de vida e voltareis carregado de louros.

Alcoforado - Que farei deles ? A minha imagem, dizeis vós, se terá apagado como um sonho ou como o fumo nos ares; meu pai terá desaparecido da face da terra, que os seus dias já não podem ser muitos; meus irmãos ... Sei eu porventura o que será deles durante a minha peregrinação ?

A Duquesa - Pensareis então diversamente, Sr. Alcoforado. Eu porém, vos não quero demorar; deveis partir precipitadamente se quereis partir.



Que vos podemos nós fazer que seja recompensa de favor tamanho ?

Alcoforado - É uma entrevista que vos peço.

A Duquesa - Uma entrevista .

Alcoforado - Sim: uma hora, um instante em que eu vos possa, sem testemunha e sem temor de ser escutado, dizer-vos tudo quanto sinto, tudo quanto soffro, e partirei, esperançoso senão feliz, resignado senão contente. Será a última vez que nos veremos, Sra. Duquesa, a última, e não ouvireis falar de mim .

A Duquesa - E não estamos sós ?

Alcoforado - Mas posso ser interrompido de momento a momento; e que o não pudesse . Quando o homem soffre como eu soffro, é-lhe preciso morder com força os lábios entre os dentes para não emitir um som ... e ai dele . se deixa escapar um gemido, porque depois dos gemidos virão os gritos, e depois dos gritos a desesperação Concedei-me a entrevista, Sra. Duquesa; não ouvireis da minha boca uma só palavra que vos faça coçar, nem um só gesto que vos possa ofender; eu vo-lo juro; é só para que sejais as lágrimas que eu tenho, as dores que eu padeço, e para que vos compadeçais de mim Oh . senhora, é de jolehos

A Duquesa - Levantai-vos, levantai-vos ... Esta manhã, quase que vos surpreenderam a meus pés. Meu Deus . que temor que eu tenho. .

Alcoforado - Vede Dizeis que estamos a sós, e toda vos atemorizais por cair eu a vossos pés.

A Duquesa - Não seria isso imprudência ?

Alcoforado - Muuto sois vós, Sra Duquesa . Quando o meu sangue corresse em ondas sobre o soalho da vossa habitação, fora prudência e até delicadeza, mandar limpá-lo bem depressa para que os vossos pés se não manchassem dele.

A Duquesa - Sois injusto .

Alcoforado (Despeitoso) - Serei, senhora.

A Duquesa - Não percebeis vós que a prudência é para mim um dever ?

Alcoforado - E também para o homem; contudo, se eu só houvesse consultado a prudência, não teria há pouco arremessado o meu venábulo, porque ao invés de vos salvar poderia errar o !



ATO II

QUADRO III

A cena representa uma sala modesta em casa do velho Alcoforado.

CENA I

MANUEL, ALCOFORADO

Manuel (Sentado) - Eias a terceira vez que te faço a mesma pergunta e ainda me não respondeste.

Alcoforado - Ah . Falavas comigo ?

Manuel - Pois com quem havia eu de falar , Pergunto-te o que tens.

Alcoforado - Nada tenho, irmão; estou preocupado.

Manuel - Bela resposta . Isso vejo eu. Com o quê? É que te eu pergunto.

Alcoforado - Com a minha partida. Não sei cimi terei forças para me separar de tantas afeições que deixo atrás de mim, e que talvez não tornarei a encontrar.

Manuel - Não te dê isso cuidado. Nós somos novos, tu, eu e nossa irmã; nosso pai é que é um pouco velho, porém ainda robusto, e espero em Deus que nos enterrará a todos um por um.

Alcoforado - E crês que para o homem morrer zarefa de ser velho ?

Manuel - Se não é, parece. O que eu sei é que em teu lugar estaria bem contente por ir tão novo ganhar as minhas esporas... Sabes tu um receio que eu tenho ?

Alcoforado - Qual ?

Manuel - O de não ter forças quando for homem para usar daquelas longas espadas de que usam os cavaleiros de el-rei. Não o digas a ninguém, menos ainda a Laura, que senão a travessa! me não deixará descansar.

Alcoforado (Distraído) - Terrível pressentimento

Alcoforado - Assim, pois, um desastre que me sobreviesse os a balaria a todos, e talvez algum caísse sobre o meu sepulero.



Manuel - Meu Deus . Que pensamentos são esses?... Estás bom, partirás amanhã e falas em morrer hoje ?

Alcoforado - Como estas horas se arrastam vagarosas (Chegando à janela). O céu está boberto de nuvens; a noite vai escura e medonha.

Manuel - Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade.

Alcoforado - Não no céu; na terra, talvez.

Manuel - Estás-me causando medo.

Alcoforado - Irmão, se meu pai se demorar, partirei sem vê-lo tu lhe pedirás a sua bênção por mim, que por ventura carecerei dela.

Manuel - Vais sair ?

Alcoforado - Sim, a uma devoção.

Manuel - Ah. Vejamos Gibão de fustão prateado, colar e pontas de veludo roxo, calças vermelhas, cinta de couro preto com guarnições de prata, borzeguins ... não, não são esses os vestidos de quem vai à noite lançar-se aos pés do altar. Enganas-me. Antônio: é outra a tua devoção.

Alcoforado - Será: mas não me interrogues, que nada te poderei dizer.

Manuel - Atende: a noite vai escura, bem o viste; alguma cila da te podem armar. Leva contigo o nosso velho criado.

Alcoforado - Não; ele pode demorar-se.

Manuel - Se ele se demorar, sairei contigo.

Alcoforado - Não: é um segredo que não deves saber.

Manuel - Leva ao menos a tua espada.

Alcoforado - Não a levarei.

digo, estimarei mais a morte do meu filho que morrer pela sua pátria, do que a vida tranqüila do homem que vive sem nome, e que morrerá sem glória. Grandes são os vossos deveres, Antônio, que também para isso sois nobre.



Alcoforado - Meu pai .

O velho Alcoforado - Sim, mancebo; sois nobre, nobre com a nobreza qui da terra, e nobre com a nobreza de alma que é a melhor de todas, porque diretamente nos vem do Senhor, Compra-me em pensar que sereis sempre digno do vosso nome, e que os vossos feitos terão sempre o cunho da ação que hoje praticastes ardimento e dedicação.

Alcoforado - Não falemos nisso, senhor.

O velho Alcoforado - Pois em que havemos nós de falar? Quando errais, eu vos digo bem severamente que errais e que nisso fazeis mal; porém, quando praticardes bem, também vos direi com a sinceridade de um amigo e com a complacência de um pai que vos portastes bem, e que vos estimo pelo bem que praticastes; nem quero que com isto vos vanglorieis, que vos não gabo a vós quando aprecio uma virtude. Antônio, é bem doce ao velho, que lentamente caminha para a sepultura, para de vez em quando para derramar os olhos obscurecidos sobre o caminho que ele decorreu na vida, e ver seus filhos que prometem honrar o seu nome e con solar a sua velhice. Sim, meu filho, eu vos digo que quando hoje arriscastes impavidamente a vossa vida para salvar a esposa do vosso protetor, fizestes como o vosso pai quando ele tinha a vossa idade, e sentia o sangue que lhe girava nas veias. (Momento de silêncio). Que vos disse o senhor duque ?

Alcoforado - Escreveu algumas cartas para os fronteiros de África e capitães do exército do ultramar.

O velho Alcoforado - Agradeceste, não foi assim ?

Alcoforado - Sim, meu pai. Rendi-lhe ações de graças, tanto pelas que ele teve a bondade de escrever, como pela que eu me atrevi a aceitar.

O velho Alcoforado - Como . Pois recusastes alguma ?

Alcoforado - Todas, menos a que em meu nome pedia um posto arriscado e perigoso, que só pudesse ser confiado à lealdade de um homem valente e resoluto.



Laura - Sois vós que sois bom pai .

O velho Alcoforado - E por que não bom amigo ?

Laura - Oh . E um amigo bem indulgente ... Não dizes nada, Antônio ?

Alcoforado - Que te direi eu, minha irmã?

Laura - Não ouvís que pergunta é aquela, meu pai? o que me dirás tu? Que tens muita pena de nos deixar e que voltarás bem depressa para a nossa companhia.

Alcoforado - Boa irmã . Sentirás muitas saudades minhas?

Laura - Muita. (mais baixo) Antônio, não sejam temerário, não morras por lá .

Alcoforado - Terias muito pesar ?

Laura - Talvez te não sobrevivesse.

O velho Alcoforado (Severo) - Laura .

Laura - (Ajoelhando-se) Perdão .

O velho Alcoforado - Só o pobre velho é que não precisa de nenhum dos meus filhos bem amados que lhe cobre os olhos na sua hora derradeira .

Laura - Perdão, meu pai . Vós sois forte e prudente, e não sofrereis com a morte de dois dos vossos filhos que se esqueceram de vós para só cuidar de si.

O velho Alcoforado - Ingrata . De que me servirá a minha prudência contra o esquecimento de meus filhos ? ... De que me servirá a minha força quando não fordes todos em redor de mim, vós que fortaleceis a minha velhice e que sois a minha só consolação ? ... Porém, de que me queixo eu ? ... O bom filho é aquele que trata a seu pai com respeito; que o não ame, pouco importa.

Alcoforado - Sois injusto, meu pai.

O velho Alcoforado - Tendes razão, Antônio; eu me esquecia de vós. Seja Deus louvado, que ainda tenho um filho .

Laura - Meu pai, olhai para as minhas lágrimas, e vede se elas não merecem compaixão.



O velho Alcoforado - Não Ah . Sim Como sois bom filho ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãe.

Alcoforado - Não, senhor .

O velho Alcoforado - Não Ah, bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

Alcoforado - Não, senhor.

O Velho Alcoforado - Não . Então a que sáis ?

Alcoforado - Não me interrogueis, meu pai .

O velho Alcoforado (Com desconfiança) - Ides sozinho ?

Alcoforado - Sozinho.

O velho Alcoforado - E não quereis levar o nosso briado na vossa companhia ?

Alcoforado - Não o posso levar .

O velho Alcoforado - Pois eu vos digo que não saireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sair.

Alcoforado - Peço-vos que me mão interrogueis, meu pai.

O velho Alcoforado (Levantando-se) - Que vos não interrogue Pretendeis sair a desoras e sem testemunhas, de espada e com os vestidos consertados, e não quereis que vos interrogue Onde ides vós, senhor ?

Alcoforado - Eu vo-lo suplico.

O velho Alcoforado - Oh . Isto merece uma explicação. Retirai-vos.

CENA VI

O VELHO ALCOFORADO, ALCOFORADO

O velho Alcoforado - Vede a que me obrigam os vossos mistérios, que oxalá não sejam escandalosos Fazeis que um pai expulse seus filhos da sua presença, porque ele terá talvez de vos dizer algumas dessas rígidas verdades que por eles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo ?



peça religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o teto de meus pais, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar às carícias de uma criatura sem pejo. Há limites em tudo, amcebo.

Alcoforado - Senhor, por que me supondes capaz de ~~tão~~ negro feito, ou por que vos mereço tal conceito? Acaso me tenho eu mostrado revel aos vos. os conselhos, ou terci desaprendido as vossas lições? não, senhor: se não vou praticar uma virtude, também não é um vício nem um crime quem lá fora me está chamendo. Não é criminosa a ação que vou praticar; jurov-os...

O velho Alcoforado - Jurai, senhor, jurai. No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer consigo, tinha o juramento por uma coisa venerada e sagrada, e usava dele apenas nas circunstâncias de momento. Era o vassallo que jurava lealdade a seu rei; era o cidadão que jurava amor a sua pátria; era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro de armas. Por isto o juramento era entre eles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebrá-lo. Hoje, porém, fizeram delle uma fórmula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuxiar essa palavra vazia de sentido, que noutro tempo foi símbolo de fé e era condão de prodígios.

Alcoforado - Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Há bem tempo que vo-lo teria dito, se ele fosse todo meu, e se a minha confissão a ninguém mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pai, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossível trairdes um segredo: mas devo eu traí-lo primeiro? Aconselhai-me, vós que tendes experiência da vida: dizei-me vós que sois meu mestre; posso eu fazê-lo?

O velho Alcoforado - O segredo é inviolável; tendes razão.

Alcoforado - Deixai-me então sair, bom pai. Oh. Se soubésseis quanto sofro por vos não poder confiar tudo. ... sede indulgente mais uma outra vez, talvez a derradeira. Esta demora me tem martirizado, lardos anos tenho vivido nestes curtos instantes. Deixai-me partir.

O velho Alcoforado - E não há perigo?

Alcoforado - Nenhum, nenhum. eu vo-lo asseguro.

Duque - Falai . Falai .

Fernão - Eu vo-lo direi de joelhos para que perdoeis o arrojo do vosso servo. Senhor, não é bem desgraçado o nobre traído na sua honra ?

Duque - Vossas palavras são profundas e contadas, vós sois prudente e cauteloso: eu vos escuto .

Fernão - Senhor, não confiastes a alguém a vossa honra ?

Duque - A ninguém. Somos o primeiro a velar sobre ela, e não a fiamos de ninguém.

Fernão - Senhor, não a confiastes a alguém ?

Duque - A ninguém Ah . (levanta-se batendo com a mão na testa e agarrando no braço de Fernão) - Que sabes tu da duquesa ?

Fernão - Sede prudente, senhor, eu vo-lo suplico.

Duque - Fala .

Fernão - Não vos arrebateis, senhor; ouvi-me primeiro.

Duque - Fala .

Fernão - Oh . Quem bem me arreceava eu de vos confiar este segredo .

Duque - Fala, carrasco .

Fernão - Eu vo-lo direi. O pajem que esta manhã foi anunciar a vossa visita à senhora duquesa encontrou Alcoforado a seus pés.

Duque - Outra prova.

Fernão - O vosso rosto me atemoriza .

Duque - Continua .

Fernão - O senhor Alcoforado traz no barrete um laço da fita que a senhora duquesa costumava trazer no colo.

Duque - Eu a vi . Fui eu quem lha dei. (Ouvi-se o dobre ao longe). Abre aquelas janelas.



Fernão - Senhor, a noite vai fria.

Duque - Abre-as; gosto daqueles sons. (Fernão vai abrir as Janelas). Eu o elogiei diante dela. Muitas vezes o chamei à sua presença. E ainda hoje. ... Que sabes mais?

Fernão - Rozeimo, o pajem da senhora duquesa, levou-lhe hoje uma carta.

Duque - Morte e sangue.

Fernão - Senhor. Senhor, sede corajoso; não vos deixeis arrebatado pela vossa cólera, pesai a vossa justiça. A carta era de Paula.

Duque - Algoz, e que importa Paula?

Fernão - O pajem assim o julgou, e abriu-a indiscretamente. Dizia a carta que à meia-noite, uma corda estaria pendente do balcão da senhora duquesa.

Duque - Estúpido. Estúpido. Estúpido.

Fernão - Senhor. Senhor.

Duque - Julguei-o leal, porque era novo; julguei-o generoso, porque o vi arriscar a vida, e não conjecturei logo que não arrisca a vida por generosidade. ... Chama esse pajem. ... não ... - (Com vos rouca) - Seria divulgar a minha vergonha.

Fernão - Senhor, as minhas palavras não são evangelho; pode ser que me iludissem: moderai-vos.

Duque - Nasceste em minha casa, acompanhaste a meu pai na sua última hora, acompanhaste-me no meu desterro, e encaneceste em meu serviço; pois juro-te, que se esta noite o infame não for encontrado neste palácio, morrerás como um cão.

Fernão - Ele virá, senhor.

Duque - Virá. ... Tu me insultas, velho.

Fernão - Perdão. Perdão.

Duque - O cobarde. O cobarde.

Fernão - Vós empalideceis, senhor; as vossas mãos estão frias ...

Duque - Não te importes. Escuta. Eu posso morrer antes da meia-noite. ...